



ISPA | Instituto Universitário

Adolescência, Reputação  
e Delinquência: Que Relações?

INÊS MAYMONE POMBEIRO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria Gouveia Pereira, que para além de ter estado sempre disponível, sempre me incentivou a dar o meu melhor, mesmo quando eu própria duvidava das minhas capacidades. Muito obrigada por tudo.

À minha mãe, ao meu pai e meu irmão porque são as pessoas mais importantes, sem as quais nada faria sentido.

Aos meus avós, os verdadeiros apoiantes incondicionais.

Aos meus padrinhos que mesmo depois de 24 anos ainda me mimam de forma excessiva e me fazem sentir sempre especial.

Aos meus tios, em especial à minha tia Cristina e à minha tia Guy, que enriquecem a minha vida de formas inexplicáveis.

Aos meus primos, em especial à Rita e ao Manel, que ao permitirem que faça parte das suas vidas me deixam a pessoa mais feliz do mundo.

À Margarida e à Cátia pessoas que conheci na primeira semana de aulas e que agora, prestes a chegarmos ao que parece ser a última, sinto-me especialmente honrada e orgulhosa de poder dizer que são minhas Amigas.

À Sofia e ao Carlos amigos desde sempre e que sempre estiveram perto.

## Índice

1. Resumo	6
2. <i>Abstract</i>	7
3. Introdução	9
4. Enquadramento Teórico:	
4.1. Adolescência	10
4.2. Grupo de Pares	11
4.3. Fenómenos de Reputação	14
4.4. Delinquência na Adolescência	15
4.5. Modelo de Aumento de Reputação	18
4.6. Reputação e Delinquência: Que relações?	21
5. Método:	
5.1. Participantes	22
5.2. Instrumentos	23
5.3. Procedimento	24
6. Análise de Resultados e Discussão:	
6.1. Escolha, identificação e repetição grupo de pares	26
6.2. Análise Factorial	28
6.3. Correlações entre escalas da auto-imagem, do self-ideal e da reputação	34
6.2. Análise de Correlação	37
6.3. Análise de Regressão	39
7. Conclusão	40
8. Referências Bibliográficas	42

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Distribuição da amostra pela idade, gênero, ano, retenção e querer continuar os estudos.	22
Tabela 2: Distribuição da amostra pelas escolhas de grupo mais importante	26
Tabela 3: Correlações de Pearson entre variáveis de identificação e de respeito e delinquência	27
Tabela 4: Análise factorial da escala de auto-imagem	28
Tabela 5: Análise factorial da escala do self ideal.	30
Tabela 6: Análise factorial da escala da reputação	32
Tabela 7: Correlações de Pearson entre a auto-imagem e o self ideal	34
Tabela 8: Correlações de Pearson entre a auto-imagem e a reputação	35
Tabela 9: Correlações de Pearson entre self ideal e reputação	36
Tabela 10: Correlações de Pearson entre reputação e delinquência	37
Tabela 11: Correlações de Pearson entre auto-imagem e delinquência	38
Tabela 12: Valores da análise de regressão e a delinquência	39
Tabela 13: Correlações de Pearson entre auto-imagem e delinquência	39

## Lista de Anexos

ANEXO A: Termo de Consentimento Informado
ANEXO B: Escala da Auto-Imagem
ANEXO C: Escala do Self Ideal
ANEXO D: Escala da reputação
ANEXO E: Lista de grupos
ANEXO F: Escala de Identificação ao grupo e escala do respeito sentido pelo grupo
ANEXO G: Escala da delinquência e desvio
ANEXO H: Perguntas acerca de dados socio-demograficos
ANEXO I: Outputs das análises factoriais

## 1. Resumo

Esta investigação pretende averiguar a existência de correlações entre a dimensão da Reputação, reputação não conformista e a delinquência bem como a existência de uma correlação entre a dimensão da Auto-imagem, auto-imagem não conformista e a delinquência. A amostra era constituída por 130 participantes, 69 raparigas e 61 rapazes, com uma média de idades de 14 anos, a maioria (71%) a frequentar o 8.º ano. As dimensões da Auto-imagem, da Reputação e ainda do Self ideal foram operacionalizadas através de 3 escalas construídas a partir da *Escala de Reputação* de Gouveia-Pereira (2008) e da *Escala de Aumento de Reputação* de Carroll et.al (1999) e a delinquência foi medida com a *Escala do Desvio e Delinquência* de Sanches e Gouveia-Pereira (2010). Foi encontrada uma correlação significativa positiva entre a reputação não conformista e delinquência ( $r = .371$ ;  $p < 0.001$ ) e uma correlação significativa negativa entre a reputação conformista ( $r = -.271$ ;  $p < 0.001$ ) e a delinquência. Através de uma análise de regressão, verificou-se que foi a reputação não conformista, a variável que apresentou maior poder preditivo sobre a delinquência. Verificou-se também uma correlação significativa positiva entre a auto-imagem não-conformista e a delinquência ( $r = .376$ ;  $p < 0.001$ ) e uma correlação significativa negativa entre a auto-imagem conformista e a delinquência ( $r = -.251$ ;  $p < 0.001$ ). Através de uma segunda análise de regressão demonstrou-se que é a auto-imagem não conformista a que tem maior poder preditivo sobre a delinquência.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, reputação, auto-imagem, self ideal, delinquência

## 2. *ABSTRACT*

This investigation aims to find the correlations between the Reputation dimension, nonconforming reputation and delinquency and the correlations between the Self image dimension, nonconforming self image and delinquency. The sample was constituted of a total of 130 students, 69 females and 61 males, aged approximately 14 years old, the majority (71%) in Year 8. The Self image and the Reputation dimensions, as well as the Ideal self dimensions were measured by the Reputation Scale developed by Gouveia-Pereira (2008) and the Reputation Enhancement Scale by Carroll et al. (1999) and delinquency was measured by the Delinquency Scale also developed by Gouveia-Pereira e Carita (2005). Results identified a significant and positive correlation between the nonconforming reputation and delinquency ( $r = .371$ ;  $p < 0.001$ ) and a significant and negative correlation between conforming reputation and delinquency. Using a regression analyses it was possible to identify that the variable with the most predictive power over delinquency was the nonconforming reputation. Results suggested a significant and positive correlation between the nonconforming self image and delinquency ( $r = .376$ ;  $p < 0.001$ ) and a significant and negative correlation between conforming self image and delinquency ( $r = -.251$ ;  $p < 0.001$ ). Using a regression analyses it was possible to identify that the variable with the most predictive power over delinquency was the nonconforming self image.

Key-words: Adolescence, Reputation, Self Image, Ideal Self, Delinquency



### 3. Introdução

A adolescência é uma fase de extrema importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e é marcada por um conjunto de mudanças que permitem uma progressiva transição da infância para a idade adulta. É nesta altura que os jovens procuram desenvolver a sua autonomia, independência e identidade, pelo que o desenvolvimento da mesma se considera um dos objectivos fundamentais desta etapa (Faustini et al., 2003). Assim, a “aquisição de uma identidade pessoal permite ao jovem ter autonomia, iniciativa e confiança nas suas decisões”, aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento e bem-estar futuro (Simões, 2007). Verifica-se ainda nesta etapa, um aumento significativo do impacto dos amigos e do grupo de pares em detrimento da família, pelo que a relação com os pais ganha assim uma conotação diferente que parece oscilar entre a separação e a dependência (Braconnier & Marcelli, 2000), deixando os pais de ser a “única fonte primária de apoio e suporte” a que os adolescentes podem recorrer (Simões, 2007). Vier, Rego, Campos e Olivi (2007) afirmam que é nesta procura de identidade que o adolescente se “une aos seus iguais, na mesma situação que ele e, assim, são formados os grupos, onde todos se identificam com cada um e cada um com todos”. Desta forma, durante a adolescência são os pares que assumem o principal contexto de socialização do jovem (Simões, 2007), sendo que estes permitem a experimentação de novos papéis, partilha de sentimentos, de problemas e opiniões (Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1992).

Medeiros (2000), salienta que é devido ao aumento de adolescentes com comportamentos delinquentes que se tem verificado uma clara identificação da adolescência enquanto “fase difícil, problemática e repleta de perigos”, caracterizando-se esta faixa etária como uma fase na qual reside a patologia. No que concerne a delinquência, parecem ser vários os contextos e factores que com esta se relacionam. No entanto, e de acordo com Caroll, Houghton, Hattie e Durkin (2004), são os factores psicossociológicos associados à delinquência juvenil os que têm sido menos investigados. Neste sentido, Emler e Reicher (1995) têm-se dedicado ao estudo destes mesmos factores postulando que a delinquência se deve, sobretudo, a uma escolha deliberada dos adolescentes de forma a alcançar uma posição de maior valor e poder no seio do grupo de pares. Desta forma, esta posição no grupo de pares deriva, essencialmente, da forma como o adolescente é visto pelos que o rodeiam, designando-se este fenómeno social por Reputação. Para Carroll et al. (2004), serão os “adolescentes que escolhem objectivos não conformistas, nos quais baseiam as suas reputações, são aqueles que mais provavelmente se tornarão delinquentes”

## 4. Enquadramento Teórico

### 4.1. *Adolescência*

Adolescentes. Diversos autores têm tentado definir o que se entende por adolescentes. Para Aristóteles, “jovens irascíveis, sexualmente emotivos, certos de vitória e auto-confiantes, mas com sentido de solidariedade e entreaajuda”; para Rousseau (1780/1966), indivíduos que experienciam um “segundo nascimento”; para Durkeim (1987), há que tentar perceber o seu grupo e o seu “grau de integração na sociedade”; para Freud (1905), uma compreensão psicosexual do desenvolvimento humano e, claro, da adolescência (Medeiros, 2000); para Erikson (1972), “quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta”. Desta forma, há muito que se discute sobre a adolescência e sobre o que significa ser adolescente. Embora enriquecedor, este complexo debate parece fazer do conceito de adolescência um conceito “frágil”, uma vez que ao longo do tempo se tem feito “emergir o delineamento do conceito plural de adolescências” Lopes (1989, cit. por Medeiros, 2000). Existindo assim diferentes concepções do que é “Ser Adolescente”, torna-se difícil delimitar este período, pois uma delimitação que se baseie apenas no período etário e/ou as mudanças físicas características da puberdade, pode acabar por se tornar demasiado redutora, não deixando transparecer todos os seus contornos (Medeiros, 2000).

Neste sentido, em vez de uma definição ou delimitação, fala-se em conceitos associados à adolescência como construção de identidade, sistema de valores, ética e integração enquanto conceitos presentes numa mudança interna, mais ou menos potenciada pela experiência de cada um (Medeiros, 2000). Desta forma, deparamo-nos com dois conceitos incontornáveis no estudo da adolescência: socialização e individualização. O primeiro é no seio do sistema familiar que se inicia. É na família que o adolescente deve encontrar o apoio e incentivo à sua autonomia e independência, aprendendo, simultaneamente, a agir enquanto membro de uma determinada sociedade que tem regras que devem ser cumpridas e valores que devem ser partilhados (Relvas, 1996). Para esta autora, o conceito de autonomia e o de independência são conceitos “interligados e omnipresentes”, pressupostos de uma responsabilização pessoal e não uma ruptura ou afastamento do próprio para com o seu sistema familiar e para com aqueles que dele fazem parte.

É durante esta procura de autonomia e independência que surgem as discussões, ou seja, que surge o conflito que tem como pano de fundo, um cruzamento de referências, onde

converge: família, sociedade e adolescente. É através deste que o adolescente se impõe e se autonomiza e, conseqüentemente, começa a definir os contornos da sua personalidade. Na ausência deste conflito, “não haveria possibilidade de crescimento saudável” e, conseqüentemente, não haveria possibilidade de se adquirir uma identidade (Relvas, 1996).

Palmonari, Pombeni & Kirchler (1992) salienta, que a família se qualifica como uma entidade de extrema importância para o adolescente, especialmente, quando este se encontra fortemente identificado a ela. No entanto, os autores salientam que é apenas quando de uma aliança desta com uma forte identificação ao grupo de pares, que estas entidades (família e grupo de pares) atingem a influência máxima, tanto a nível da construção da identidade do adolescente como a nível do ultrapassar das dificuldades que vão surgindo na sua vida.

#### 4.2. *Grupo de Pares*

O grupo de pares, além de providenciar entretenimento, companhia e ajudar os adolescentes na resolução de problemas, é importante ao nível da validação pessoal, do suporte emocional e do desenvolvimento da identidade (Wentzel, 2009), sendo vários os autores que referem a sua importância ao nível da independência e autonomia do adolescente (Palmonari, Carugati, Bitti e Sarchielli, 1984; Palmonari, Pombeni e Kirchler, 1989; Kirshler, Pombeni & Palmonari, 1991; Palmonari, Pombeni e Kirchler, 1992; Piehler e Dishion, 2007).

Brown, Eicher e Petrie (1986, cit. por Kirchler, Pombeni e Palmonari, 1991) resumizam algumas das principais razões que levam os adolescentes a pertencer a um determinado grupo de pares, nomeadamente:

- definir identidades e interesses;
- construir reputações;
- criar um balanço entre o que é individualidade e o que é conformidade;
- providenciar suporte instrumental e emocional;
- criar oportunidade de fazer e manter amizades.

Neste seguimento, Palmonari, Pombeni e Kirchler (1992) salientam que é através das interações com o grupo de pares que o indivíduo tem oportunidade de conceber as suas próprias opiniões e ideias acerca do que pensa ser (self), daqueles que fazem parte da sua vida e daquilo que o rodeia. Desta forma, o grupo de pares parece ter potencial para ser um “laboratório

social” promovendo a possibilidade de mudança no adolescente (Sherif, 1984, cit por Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1989), na medida em que permite ao mesmo experimentar novos papéis sociais no seio deste (Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1992). Assim, o grupo de pares torna-se uma “importante entidade social” (Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1992).

Vários autores referem a existência de dois tipos de grupos de pares, os grupos formais e informais (Palmonari, Carugati, Bitti & Sarchielli, 1984; Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1989; Kirshler, Pombeni & Palmonari, 1991; Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1992; Gouveia-Pereira, 1995). Tajfel (1978, cit. por Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1992) afirma que os adolescentes parecem estar conscientes da existência desta diferenciação grupal uma vez que parecem agir em conformidade com as diferentes exigências destes grupos, através de mudanças de atitude e comportamento.

A investigação realizada por Palmonari, Pombeni e Kirchler (1989) com 600 adolescentes italianos, teve como objectivo explorar a importância do grupo de pares, numa tentativa de tentar perceber a forma como a pertença a um determinado grupo pode afectar a percepção de si mesmo, do grupo de pares e de outros grupos bem como a percepção sobre as tarefas de desenvolvimento. Com base dos resultados desta investigação verificou-se que a maioria destes adolescentes (90%) fazia parte de um grupo de pares informal, sendo que apenas uma pequena minoria pertencia a grupos de pares formais. Segundo estes autores os grupos de pares informais são aqueles que se constituem através de premissas de interesse mútuo ou recíproco dos seus membros. Os parques, as ruas e os cafés seriam os locais mais frequentes destes membros se encontrarem. Os grupos formais, por sua vez, são caracterizados pela existência de um objectivo comum que pretende ser alcançado podendo este estar relacionado com actividades religiosas, políticas ou desportivas, entre outras. Neste tipo de grupo, a participação de um ou mais adultos é muito frequente, enquanto que no primeiro não existe a participação de adultos. Com esta investigação foi possível verificar que não existiam diferenças a nível da percepção de si, do grupo e das tarefas, ou seja, do seu *self-system* entre os membros dos diferentes grupos.

Kirchler, Pombeni e Palmonari (1991) realizaram uma investigação com o objectivo de perceber se a identificação com o grupo de pares está correlacionada de forma positiva com a identificação à família e se o tipo de grupo de pares (formal ou informal) e a identificação com os mesmos influencia a forma como os adolescentes lidam com diferentes tarefas de desenvolvimento. A sua amostra era composta por 770 adolescentes italianos, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Os investigadores utilizaram um questionário constituído por quatro partes, uma relativa aos dados sócio-demográficos, outra ao grupo de pares no qual se encontram inseridos, a terceira diz respeito a diferentes valores partilhados pelo

grupo e pela família e, por último, uma parte relacionada com tarefas de desenvolvimento, nomeadamente conflitos relacionais entre amigos, problemas pessoais, entre outros. Segundo os autores são os adolescentes que se apresentam mais identificados ao grupo de pares que estão mais próximos da sua família, dos melhores amigos e dos colegas de turma. Neste seguimento, verificou-se que a identificação ao grupo de pares não promove o isolamento do adolescente face à sua família, tendo-se observado que esta identificação que os sujeitos têm face ao grupo de pares, à família, aos melhores amigos e colegas de escola, é mais forte quando a partilha de valores se verifica. Relativamente às tarefas de desenvolvimento, mais concretamente, a forma como os sujeitos lidam com os conflitos e problemas com que se deparam, mostrou ser dependente do grau de identificação ao grupo de pares. No entanto, o tipo de grupo não se verificou ser significativo ao nível da forma como o sujeito lida com os conflitos e problemas. De forma geral e, através deste estudo, os autores constataram que os adolescentes com maior grau de identificação ao grupo de pares e outras entidades sociais como a família, tornam-se capazes de encontrar soluções mais positivas (e eficazes) para os seus problemas quando comparados com adolescentes com menor grau de identificação a estas mesmas identidades.

A investigação desenvolvida por Gouveia-Pereira, Pedro, Amaral, Alves-Peixoto e Peixoto (2000), pretendeu também explorar as dinâmicas do grupo de pares na adolescência, mais concretamente, a percepção que os adolescentes têm acerca do seu grupo de pares. Assim, e através de uma metodologia qualitativa, os investigadores realizaram entrevistas semi-directivas com o objectivo de caracterizar os grupos dos adolescentes. A sua amostra era constituída por 42 adolescentes, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Os resultados desta investigação demonstraram que a dinâmica grupal é influenciada, significativamente, pela dinâmica escolar. Isto significa que a forma como cada turma se encontra estruturada, reflecte, por sua vez, a forma estes grupos se constituem. Foi também possível encontrar diferenças entre o tipo e a qualidade de conversas que os adolescentes têm no seu grupo, sendo os participantes mais velhos os que têm conversas mais elaboradas e diversificadas. Encontraram-se ainda diferenças, ao nível da diferenciação dos grupos. Mais especificamente, os grupos de participantes mais velhos, que frequentam o 9.º ano, são mais diferenciados quando comparados com os mais novos que frequentam o 7.º ano. Ao nível das preocupações destes alunos, verificou-se que tantos os alunos do 7.º ano como os do 9.º ano manifestam preocupações académicas e relacionais, nomeadamente preocupações com familiares e amigos. Os autores salientam ainda que os alunos do 9.º ano se encontram também preocupados com a etapa académica seguinte, mais concretamente com a entrada para a faculdade, mostrando-se ainda preocupados com o

evitamento de comportamentos de risco. No entanto, estes comportamentos são também uma preocupação para os alunos de 7.º ano, em especial os mais velhos.

Neste sentido, torna-se pertinente abordar uma outra “preocupação” que surge nos adolescentes, mais especificamente, a preocupação com a imagem que o seu grupo de pares tem de si. Durkin (1995) aborda esta temática referindo que, de acordo com o funcionamento de um determinado grupo e tendo em conta o que é mais valorizado no mesmo, o adolescente tenta gerir a sua imagem, numa tentativa de ser aceite por este mesmo grupo. É através desta construção e gestão de imagem que se alcança o fenómeno social da reputação. Assim, este fenómeno, torna-se uma construção social, que não deve ser confundida com um julgamento individual, ou seja, com a percepção que o sujeito, isoladamente, tem do outro (Emler, 1994).

#### 4.3. *Fenómenos de Reputação*

De acordo com Emler e Reicher (1995), a reputação é criada através de um padrão de observações directas e indirectas, acumuladas ao longo do tempo, a partir do ambiente social a que o indivíduo pertence, algo similar ao que Moscovici (1984, cit. por Emler & Reicher, 1995) chamou de “representações sociais”.

Neste sentido, a auto-imagem que o sujeitos transmitem, na qual se englobam as suas qualidades e atributos, pode traduzir uma escolha consciente a nível da sua identidade social, sendo esta alimentada pelo *feedback* de uma determinada audiência, neste caso particular, de um determinado grupo (Emler & Reicher, 1995).

Gouveia-Pereira (2004), tendo por base estes trabalhos desenvolvidos por Emler, apresenta de forma sintetizada o conceito de reputação como algo que é “construído em função das normas e dos valores do grupo em que o indivíduo está inserido”, acrescentando ainda que a “reputação é regulada pela presença das regras e normas grupais e do valor que estas assumem para os elementos do grupo”.

É importante salientar que a reputação pode, de alguma forma, não só englobar a generalização de determinados atributos de uma pessoa, mas também conduzir ao grau destes mesmos atributos. Emler (1994) dá o exemplo de atributos virtuosos, como a generosidade e a honestidade, e como não interessa apenas quem os possui, e de que forma estes se “encaixam” em determinadas categorias sociais, mas também qual o grau desses atributos. Desta forma, e de acordo com os autores acima referidos, os indivíduos devem ter alguma sensibilidade relativamente ao impacto (a longo prazo) das suas acções, tendo em conta que estas são interpretáveis (Goffman, 1959, cit. por Emler 1994), em especial, quando estas ocorrem na

presença daqueles que têm uma existência recorrente nas suas vidas. Além disso, depois de estabelecida, a reputação é difícil de modificar, pelo que cabe ao indivíduo, efectuar boas escolhas públicas. Por outras palavras e, de uma forma mais sintetizada, as reputações constroem-se e mantêm-se, através da sua consistência e possibilidade de interpretação, mantendo-se “à vista” da comunidade, ou grupo (Emler, 1994). Neste sentido, deve existir uma preocupação, da parte do sujeito, com estes aspectos.

Torna-se também importante referir que para a construção reputacional se verificar, é crucial que o adolescente consiga, em primeiro lugar, decifrar quais as regras e normas de um grupo, ou seja, este tem de perceber o funcionamento, pelo que este aspecto representa a componente cognitiva subjacente na construção da reputação (Gouveia-Pereira, 2004). Em seguida, e depois de decifrar o que o que é esperado de si para que faça parte do grupo, o adolescente, deve decidir se pretende ou não fazer parte do grupo, apresentando-se esta como a componente motivacional da construção da reputação (Gouveia-Pereira, 2004). Desta forma, e de acordo com Gouveia-Pereira (2004) a reputação do adolescente, parece resultar do facto do “indivíduo reflectir sobre a pessoa que é e o modo como deseja apresentar-se e, igualmente, da capacidade que este tem em reconhecer as normas e regras que são valorizadas no grupo e de aderir a essas regras”.

Tendo em conta que as pessoas tendem a utilizar diferentes estratégias de se auto-representar, aquando da exposição a diferentes audiências, para Emler (1994) o envolvimento destes jovens na delinquência, parece fazer parte de uma tentativa de criar um determinado impacto perante outros, como uma forma de aumentar a sua reputação face ao grupo no qual estão ou pretendem estar inseridos. Nas palavras deste autor, a delinquência torna-se um verdadeiro “projecto reputacional”.

#### 4.4. *Delinquência na Adolescência*

O acto de delinquência define-se como o acto cometido em relação a uma sociedade; é um acto no qual o sujeito comete uma infracção contra algo que se encontra legalmente instituído (Coimbra de Matos, 2005).

Na faixa etária da adolescência, estes comportamentos parecem ter início por volta dos 14 anos de idade (Moffit, 1993) e a sua maioria inclui actos como o arrombamento, roubo, os crimes contra a ordem, atentados à propriedade, crimes contra pessoas, por droga entre outros (Carroll et al. 2004). Estes comportamentos tendem a ocorrer em parceria, sendo vários os estudos que sugerem a existência de uma correlação entre grupo de pares e delinquência, pelo que é possível

verificar uma “excessiva dependência” da segunda para com a primeira, no que diz respeito, ao nível da aceitação do próprio, no seio do grupo de pares (Agnew, 1991; Blackburn, 1993; Emler, Reicher, & Ross, 1987; Farrington, 1992; Loeber & Dishion, 1983, cit. por Carroll, Hattie, Houghton & Durkin, 1999; Hirschi, 2002). Coimbra de Matos (2002) refere que, por volta dos 20 anos, os jovens parecem abandonar esta tendência, passando a cometer crimes sozinhos.

Como factores de risco para a delinquência, em especial, entre os 8 e os 10 anos, Farrington (2008) refere factores socioeconómicos como o baixo rendimento familiar, a existência de uma família numerosa e existência de delinquência na escola; factores familiares, como pais e irmãos com histórico de delinquência e, por último, factores individuais como o baixo desempenho e o baixo rendimento escolar.

A conduta anti-social, por outro lado, caracteriza-se pelo isolamento, uma vez que o sujeito rejeita as normas impostas pela sociedade, no entanto, este comportamento não tem de ser acompanhado por uma conduta delinvente (Bordin & Offord, 2000). São actos capazes de perturbar outros, mas que à partida não pretendem causar danos físicos, encontrando-se mais relacionados, tal como acima referido, com a rejeição das leis sociais e com o afastamento do que é a norma (Formiga & Gouveia, 2005). Desta forma, o comportamento delinvente e o comportamento anti-social apresentam características diferentes, no entanto, ambos interferem ao nível dos direitos e deveres dos membros de uma sociedade, ameaçando o seu bem-estar (Bordin & Offord, 2000). Formiga e Gouveia (2005) afirmam que, de forma geral, embora se torne comum os jovens praticarem algum tipo de comportamento anti-social, como forma de desafiar os valores da sociedade na qual se encontram inseridos, para Rutter (1998, cit. por Lemos, 2010) quando estes infringem a Lei em vigor torna-se necessário deixar de parte o termo “anti-social” e utilizar o termo “delinquência”.

Carroll et al., (2004) enumeram algumas teorias explicativas da delinquência, como a do Desvio Cultural, da Tensão Social, do Controlo e da Aprendizagem salientando, no entanto, que estas além de não incluírem na sua explicação para o comportamento delinvente, uma combinação de factores que conduza, necessariamente, à delinquência, não consideram a importância dos processos psicossociais (Emler & Reicher, 1995) como as diferenças pessoais e a motivação (Carroll et al., 2004). Para estes autores, as teorias explicativas da delinquência juvenil devem privilegiar os acontecimentos de vida do sujeito, de forma a averiguar o seu impacto na conduta delinvente. Exemplos destas teorias são teorias individuais e as teorias desenvolvimentistas. De igual importância para a criminologia é a teoria do Controlo Social, da Escolha Racional, e do Interaccionismo Simbólico.

Na Teoria do Controlo Social, os actos de delinquência resultam de uma fragilidade ou até mesmo de uma quebra dos laços com a sociedade, havendo a violação do conjunto de normas desta mesma sociedade (Hirschi, 2002). Assim, verifica-se no acto delinvente, uma análise dos custos e benefícios da legalidade ou ilegalidade de uma determinada acção, por parte do sujeito, pelo que este tende a seleccionar as opções que lhe parecem mais agradáveis. Para a tomada de decisão, os sujeitos têm em conta os vínculos a pessoas e/ou instituições, uma linha de acção convencional, o envolvimento em actividades não criminais e as crenças no valor moral das normas (Carroll et al., 2004). Relativamente a este último ponto, Hirschi (2002) refere que nesta teoria, se verifica a existência de uma desvalorização das crenças sociais, por parte destes indivíduos, sendo que estas se apresentam como “meras palavras”, não representando assim verdadeiros obstáculos ao acto delinvente. A Teoria da Escolha Racional privilegia o interesse pessoal e a racionalidade sendo assim o crime considerado o resultado de um conjunto de escolhas nas quais o sujeito tem em consideração o esforço, a recompensas e os custos envolvidos nas alternativas de acção (Carroll et al., 2004). Para Carroll et al., (2004), no Interaccionismo Simbólico, salienta-se a importância das interacções entre indivíduos na medida em que estas permitem a projecção do próprio no outro. Assim, para estes autores, quando o sujeito se confronta com comportamentos de delinquência este age no sentido de assumir uma linha de acção delinvente colectiva, através de comunicação verbal e não-verbal.

As Teorias Desenvolvimentistas, de acordo com Carroll et al., (2004), são teorias que diferenciam os sujeitos que praticam actos delinquentes desde cedo e aqueles que só a praticam na adolescência. Nestas teorias, é dada extrema importância aos dados sócio-demográficos, como a cultura, a idade, o grupo de pares e as características do próprio indivíduo (Harris, 1998, cit. por Carroll et al., 2004), devido ao facto deste último autor acreditar na maior influência que o grupo de pares tem, em detrimento da família, no que concerne o fenómeno da delinquência juvenil.

A Perspectiva de Percurso de Vida privilegia o percurso e as transições de cada um (Carroll et al., 2004). De acordo com Moffit (1993) a população delinvente é formada por sujeitos que têm um “percurso de vida de agressores” e por sujeitos que apenas manifestam estes actos na sua adolescência. Os primeiros, sujeitos com dificuldades precoces de temperamento e de controlo dos impulsos (White, Moffit, Caspi, Bartush, Needles & Stouthamer-Loeber, 1994, cit. por Carroll et al., 2004) que mantêm uma vida delinvente na adolescência, agravando-se em adultos (Weiner, 1992, cit. por Carroll et al., 2004); os segundos, sujeitos que cometem actos de delinquência na sua adolescência, actos esses que derivam, na sua maioria, de imitação social (Fergusson, Horwood & Nagin, 2000, cit. por Carroll et al., 2004).

No estudo do acto delinvente, encontra-se a Teoria da Auto-Representação como uma teoria que assinala a importância da variável motivação (Carroll et al., 2004). Como referido anteriormente, para Goffman (1959, cit. por Carroll et al., 2004), “o objectivo de toda a acção pública é a auto-representação”, o que significa que todos os comportamentos, delinquentes ou não, despertam determinadas “qualidades de carácter”.

Nesta sequência, e com base nestas premissas, Carroll et al., (2004) desenvolveram um modelo teórico, “Objectivos de Aumento de Reputação” (*Reputation Enhancing Goals*), que pretende aprofundar os contornos deste “projecto reputacional” que é o comportamento delinvente

#### 4.5. *Modelo dos Objectivos de Aumento de Reputação*

O modelo teórico “Objectivos de Aumento de Reputação” (*Reputation Enhancement Goals*), enraizado nestes processos psicossociais, resulta de uma integração da Teoria do Aumento da Reputação com a Teoria do Estabelecimento de Objectivos, pretende oferecer assim uma explicação alternativa para o comportamento delinvente.

A Teoria do Aumento da Reputação, de acordo com Emler e Reicher (1995), diz respeito a uma teoria na qual o comportamento do jovem delinvente se traduz numa forma de auto-representação de si estabelecendo-se, assim, uma “identidade social patológica e racional” (Carroll et al., 2004). Por outras palavras, e tal como já referido anteriormente, o indivíduo faz uma escolha consciente de se apresentar à sua comunidade ou grupo como alguém que tem comportamentos delinquentes e /ou desviantes, sendo que esta “apresentação” se baseia em comportamentos suficientemente visíveis (Emler, 1990). Segundo este último autor também esta escolha consciente representa uma tentativa de criar, manter ou até mesmo de alterar uma determinada reputação, apresentando-se como uma condicionante das interacções sociais que se estabelecem com aqueles que rodeiam o indivíduo.

Emler e Reicher (1995) referindo-se à dinâmica das interacções sociais, salientam a importância do *feedback* proporcionado por uma determinada audiência e a forma como este *feedback* condiciona a existência da reputação no indivíduo. Neste sentido, e de forma a alcançar uma reputação relacionada com uma conduta delinvente, torna-se necessário que estes indivíduos exponham esta mesma audiência a comportamentos de transgressão das normas e de regras sociais, para que possam ser vistos como indivíduos “deliberadamente inconformistas” (Carroll et al., 2004). No caso particular destes comportamentos e até da delinquência juvenil, sem a existência desta exposição à transgressão e, conseqüente *feedback* da audiência, é difícil criar

e sustentar uma reputação neste sentido (Reicher & Emler, 1986, cit. por Carroll et al., 2004). Quando se trata deste tipo de comportamentos e, ao contrário do que se verifica com os comportamentos conformistas, mais expostos a uma audiência de pais e/ou professores, verifica-se que a audiência de excelência é, claramente, o grupo de pares (Reicher & Emler, 1986, cit. por Carroll et al., 2004).

Emler e Reicher (1995) frisam que a manifestação deste tipo de comportamento, para além de cumprir objectivos de reputação, cumpre também objectivos relacionados com a pertença a um determinado grupo, que neste caso particular, se refere a um grupo que aceita, pratica e valoriza estes comportamentos.

Carroll et al., (2004) consideram que a Teoria do Estabelecimento de Objectivos, como uma teoria que privilegia a existência de objectivos conscientes aquando de uma determinada conduta, mesmo uma conduta delinvente. Desta forma, estes autores enfatizam que o acto delinvente, além de deliberado, cumpre sempre um objectivo específico, visto que serve como um veículo para alcançar uma reputação, neste caso, não-conformista. No que concerne estes objectivos específicos, Locke e Latham (1990, cit. por Carroll et al., 2004) referem que estes podem variar de forma qualitativa ou quantitativa. De forma qualitativa quando se têm objectivos relacionados com diferentes campos ou temáticas; quantitativos quando estes variam no número. Para Houghton e Carroll (1996) e, no caso específico dos jovens delinquentes, encontram-se objectivos mais centrados nas actividades ilegais.

No Modelo de Aumento de Reputação encontra-se, assim, partes integradoras de ambos os modelos acima apresentados, na medida em que este tenta perceber a delinquência juvenil, pensando nas escolhas (deliberadas e visíveis) destes jovens e reflectindo sobre os seus objectivos (mais ou menos conformistas) que pretendem alcançar sempre no sentido de criar uma reputação desta natureza, perante uma audiência, de preferência capacitada para dar um feedback imediato e suficientemente significativo (Carroll et al., 2004). Ainda de acordo com este modelo e, segundo Carroll et al. (2004) existem vários tipos de objectivos associados à obtenção quer de uma imagem académica quer de uma imagem social, sendo ao nível desta última que se encontram os objectos da delinquência. Aquando da escolha de uma imagem académica, os adolescentes vêm-se mais influenciados pela família e pela sua própria percepção de auto-eficácia. A família mostra-se especialmente importante na escolha dos objectivos académicos pelo que um clima familiar positivo, tende a estar relacionado com a existência de mais planos futuros ao nível da educação. Apesar da auto-eficácia influenciar, em grande escala, os objectivos académicos, esta influencia também os sociais. Neste sentido, Bandura, Barbanelli, Caprara e Pastorelli (1996) revelam que os adolescentes ao duvidarem da sua auto-eficácia, apresentam risco de baixar o seu rendimento

escolar mostrando, conseqüentemente, maior interesse nos comportamentos sociais de natureza problemática. Relativamente aos jovens delinquentes, estes autores referem que estes ou apresentam falhas ao nível do seu rendimento escolar ou então, não pretendem, de todo, alcançar estes objectivos académicos mostrando-se, à partida, mais interessados em objectivos relacionados com a transgressão das normas, sempre com o objectivo da construção de uma reputação delinvente. No entanto, Carroll et al., (2004) ressalva que os objectivos sociais e académicos “não são mutuamente exclusivos e nem todos os adolescentes que não valorizam os objectivos académicos se tornam delinquentes”.

A investigação de Carroll et al. (1999) tinha como objectivo desenvolver uma escala para “medir” a reputação, a “Escala do Aumento de Reputação” (*Reputation Enhancement Scale*). Esta foi construída de forma a tentar medir as orientações reputacionais de vários jovens com diferentes níveis de delinquência, através de uma amostra constituída por 230 estudantes do ensino secundário, dos quais faziam parte 80 jovens delinquentes, 90 considerados em risco e 90 não delinquentes. A escala foi considerada válida e a análise factorial tornou possível a ocorrência de três factores de segunda ordem, nomeadamente, a reputação conformista, não conformista e a auto-apresentação, derivados de uma primeira análise da qual surgiram 15 factores. Os autores encontraram diferenças significativas entre os três grupos, ao nível quer da reputação conformista quer da não conformista, não se tendo encontrado diferenças significativas ao nível da auto-apresentação.

Uma investigação de Carroll et al. (2008), teve como objectivo diferenciar as actividades delinquentes e as orientações reputacionais de rapazes e raparigas em risco e não em risco. Este estudo contou com a participação de 1460 adolescentes, 722 dos quais rapazes e 738 raparigas, tendo idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, com uma média de idades de 14 anos. Os participantes frequentavam escolas públicas em diversas cidades da Austrália e três centros de detenção. No total da amostra, 132 participantes encontravam-se detidos e os restantes 1328, eram alunos. Foram utilizadas a Escala de Auto-preenchimento da Delinquência (*The Adapted Self-Reported Delinquency Scale; ASDS; Carroll, Durkin, Houghton & Hattie, 1996*) e a Escala de Aumento da Reputação (*Reputation Enhancement Scale; RES; Carroll et al., 1999*). Foram encontradas diferenças significativas em 4 dimensões da reputação relacionadas com o desvio social e com o não conformismo, nas raparigas em risco quando comparado com as raparigas que não se encontram em risco. No que diz respeito aos rapazes, estes apresentaram diferenças significativas em todos os aspectos da delinquência e na procura de uma reputação não conformista quando comparado com os rapazes que não se encontram em risco.

#### 4.6. *Reputação e Delinquência: Que relações?*

O objectivo deste estudo é o de tentar perceber a forma como as medidas da Reputação e da Auto-imagem afectam a ocorrência de comportamentos delinquentes nos jovens adolescentes, tendo-se hipotetizado que a reputação do sujeito, em particular a reputação não conformista, se encontra relacionada de forma positiva com a ocorrência de comportamentos delinquentes. Equacionou-se também que a auto-imagem não conformista se encontra relacionada, positivamente, com a delinquência.

## 5. Método

### 5.1. Participantes

A amostra é constituída por 130 sujeitos, com uma média de idades de, aproximadamente, 14 anos. Relativamente ao género, 61 participantes são do sexo masculino e 69 do sexo feminino. Cerca de 71% dos participantes encontram-se, actualmente, a frequentar o 8.º ano do Segundo Ciclo, pelo que apenas uma minoria de, aproximadamente, 29% se encontra a frequentar o 9.º ano. Todos os participantes mostram intenção de continuar os seus estudos, sendo que, aproximadamente, 60% dos participantes pretende continuar o seu percurso académico até à faculdade. É também possível verificar que apenas 51 destes participantes (cerca de 39 % da amostra total) já ficou retido ao longo do seu percurso escolar.

No que diz respeito às habilitações escolares maternas, verifica-se que dos 117 sujeitos que cederam informações acerca das mesmas, aproximadamente, 44%, têm mães cujas habilitações se encontram entre o 5º e o 9º ano. Em relação às habilitações escolares dos seus pais, dos 112 participantes que cederam essas informações, cerca de 43% destes, têm pais cujas habilitações se encontram entre o 5º e o 9º ano.

**Tabela 1 – Distribuição da amostra pela idade, género, ano, retenção, querer continuar os estudos e até que ano.**

N	Média	Frequência	Percentagens válidas			
	Idade	Género	Ano	Retenção	Continuar os estudos	Continuar os estudos até que ano
130	14 anos	Masculino-61 Feminino -69	8ºano-71% 9ºano-29%	Sim-39% Não-61%	Sim-100%	Até à faculdade-62% Até ao 12.ºano-33% Até ao 9.ºano-5%

## 5.2. Instrumento

Foram construídas 3 escalas a partir da *Escala de Reputação* de Gouveia-Pereira (2008) e da *Escala de Aumento de Reputação* de Carroll et al., (1999). Embora as 3 escalas sejam compostas pelos mesmos itens e pela mesma estrutura, estas apresentam uma *consigne* diferente, no início de cada. Cada escala apresenta 33 itens, avaliados numa escala tipo Lickert, de 5 pontos, na qual o 1 corresponde ao “discordo completamente” e o 5 ao “concordo completamente”.

**Escala da Auto-Imagem.** Os participantes respondiam à seguinte *consigne*: “*Todos nós temos uma ideia acerca do que somos. Peço-te para pensares sobre como és e nos dares a tua opinião.*”. A análise da consistência interna foi confirmada, tendo-se obtido um  $\alpha=0.73$ , que representa um valor aceitável (Ver Anexo B).

**Escala do Self Ideal.** Pediu-se aos participantes sujeitos que reflectissem acerca da como gostariam de ser, tendo em conta uma lista de atributos. Para esta escala a *consigne* era: “*Acabaste de responder sobre o que achas que és. Gostaria agora que desses a tua opinião acerca de como gostarias de ser.*”. A análise de consistência interna foi confirmada, tendo-se obtido um  $\alpha=0.86$ , o que representa um valor aceitável (Ver Anexo C).

**Escala da Reputação.** Os participantes respondiam de acordo com a imagem que pensam ter junto dos seus amigos. Para esta escala a *consigne* era: “*Peço-te agora para dares a tua opinião acerca da imagem que tens junto dos teus amigos*”. Foi, igualmente, verificada a consistência interna da mesma, tendo-se obtido um  $\alpha=0.82$ , um valor aceitável, pelo que se considerou a escala como válida (Ver Anexo D)

O instrumento é também constituído por uma parte que remete para o grupo de pares, na qual e, com o intuito de perceber quais os grupos de pares mais importantes para os participantes, lhes foi pedido que escolhessem de uma lista de 15 opções quais os grupos para si mais importantes. Seguidamente, era-lhes pedido que referissem qual o grupo mais importante (Ver Anexo E).

**Escala de Identificação ao Grupo.** Escala desenvolvida por Gouveia-Pereira (2004) permitindo avaliar o grau de identificação que o sujeito sente pelo seu grupo. É constituída por 6

itens, avaliados numa escala tipo Likert, entre 1 (discordo completamente) a 5 (concordo completamente) (Ver Anexo F). Alguns exemplos de itens podem ser: “*O meu grupo de amigos é muito importante para mim*”; “*Sinto-me mais feliz por pertencer ao meu grupo*” e “*Identifico-me com o meu grupo*”. Apresenta um  $\alpha=0.77$ ,  $M=4.34$  e  $DP=0.61$ .

Escala de Respeito e Valorização dos Amigos. Escala desenvolvida por Gouveia-Pereira (2004) que permite avaliar o respeito e valor que os sujeitos pensam que os amigos lhes atribuem (Ver Anexo G). É constituída por 6 itens, avaliados numa escala tipo Likert, entre 1 (discordo completamente) a 5 (discordo completamente). Alguns exemplos de itens podem ser: “*Os meus amigos respeitam-me como pessoa*”; “*Os meus amigos vêem-me como uma pessoa de valor*” e “*Os meus amigos respeitam as minhas opiniões*”. Apresenta um  $\alpha=0.9$ ,  $M=3.9$  e  $DP=0.63$ .

Escala do Desvio e Delinquência. Esta escala foi desenvolvida por Gouveia-Pereira e Carita (2005, cit. por Sanches & Gouveia-Pereira, 2010) e é constituída por 20 itens que medem a frequência dos comportamentos desviantes que ocorreram nos dois últimos anos em contexto escolar, familiar ou público. De um modo geral, os itens remetem para comportamentos de vandalismo, comportamentos aditivos, agressões físicas ou verbais, comportamentos disruptivos na escola, roubos e desobediência a regras e a figuras de autoridade. Alguns exemplos de itens podem ser: “*Andar à luta com colegas ou entre grupos*”; “*Assaltar um carro, casa, loja, escola ou outro edifício*” e “*Usar algum tipo de arma (ex: canivete, navalha, pistola)*” (Ver Anexo H). As respostas são dadas numa escala de 5 pontos, tipo Likert (1=nunca; 5=muitas vezes). Apresenta um  $\alpha= 0.9$ ,  $M=1.27$  e  $DP=0.360$ .

Finalmente, o instrumento termina com algumas questões sobre dados socio-demográficos (Anexo I).

### 5.3. Procedimento

Contactaram-se duas escolas, uma localizada no distrito de Lisboa e outra no distrito de Santarém, de forma a obter a autorização para a realização deste estudo. Neste seguimento e, depois deste contacto inicial e da aprovação dos respectivos Directores das duas escolas, distribuíram-se as cartas de consentimento informado pelos alunos, a serem entregues aos pais

e/ou encarregados de educação destes jovens participantes, que apenas e somente com a sua aprovação, e dos seus filhos participariam neste estudo.

Após a recepção destas autorizações, procedeu-se à recolha dos dados, pelo que estes foram recolhidos ao longo de vários dias. O tempo de aplicação do instrumento foi de, aproximadamente, 30 minutos, sempre na presença da investigadora. A todos estes alunos foi garantida total confidencialidade das suas respostas.

## 6. Apresentação dos Resultados e Discussão

### 6.1. Escolha, identificação e respeito no seio do grupo de pares

Antes de se realizar a análise factorial e às análise de correlação e regressão, tornou-se pertinente tentar perceber quais os grupos mais importantes para estes jovens para que os resultados que se seguem possam ser interpretados à luz desta escolha.

**Tabela 2: Distribuição da amostra pelas escolhas de grupo mais importante**

	N	%
<b>Amigos da escola</b>	<b>60</b>	<b>46,2</b>
<b>Colegas de turma</b>	<b>46</b>	<b>35,4</b>
<b>Amigos do bairro</b>	<b>17</b>	<b>13,1</b>
Blacks	2	1,5
Desporto	4	3,1
Religioso	1	,8
Total	130	100,0

Os resultados presentes nesta tabela, permitem verificar que são os grupos “Amigos da escola” e Colegas de turma” os grupos eleitos, com uma percentagem de escolha de 46% e 35%, respectivamente, como sendo os grupos mais importantes e com os quais os participantes mais convivem. O grupo “Amigos do bairro” foi o terceiro grupo mais escolhido com uma percentagem de 13%.

Assim, estes dados permitem observar a importância que é atribuída a estes dois grupos formados na escola e, em particular, na turma, reforçando a importância destes espaços, não só como espaços de aprendizagem, mas também como espaços de excelência para o encontro entre o adolescente e o grupo de pares (Gouveia-Pereira, 2004). Esta informação aponta na mesma direcção que um estudo realizado por Gouveia-Pereira (2000), anteriormente mencionado, no qual a dinâmica grupal também derivava da dinâmica escolar, mais concretamente, da constituição das turmas.

Depois de eleitos os grupos com maior significado para estes jovens, torna-se importante perceber ainda a forma como a identificação que estes têm com o seu grupo e o sentimento de serem respeitados se correlaciona com a delinquência.

**Tabela 3: Correlações de Pearson entre Variáveis de Identificação e de Respeito e Valor e a Delinquência**

	1	2	3
<b>1. Identificação ao grupo</b>	-		
<b>2. Respeito e valor dado pelos amigos</b>	. 495**	-	
<b>3. Delinquência</b>	-. 154	-. 176*	-

Nota: \*\* correlação significativa para  $p < 0.01$ ; \* correlação significativa para  $p < 0.05$

Em primeiro lugar, constata-se que a variável “identificação ao grupo” se encontra correlacionada de forma significativa e positiva com a variável “respeito e valor dado aos amigos”, o que indica que, para estes jovens, estes dois aspectos estão, de alguma forma, associados entre si. Por outras palavras, esta correlação faz pensar que, para estes sujeitos, a identificação ao grupo, passa por se sentirem respeitados e valorizados no seio do mesmo grupo. Estes resultados apontam no mesmo sentido que os estudos desenvolvidos por Palmomari et al. (1989) e por Kirchler, Pombeni e Palmonari (1991), uma vez que estes autores verificaram que a identificação de um indivíduo ao seu grupo de pares implica que este se sinta também numa posição de maior proximidade com o grupo.

Em segundo lugar, verificou-se uma correlação negativa significativa entre a variável “respeito e valor dado pelos amigos” com a variável “delinquência”. Neste sentido, parece que o facto dos sujeitos fazerem parte de uma grupo, no qual se sentem respeitados e valorizados, se correlaciona negativamente com a ocorrência de comportamentos delinquentes. Estes dados permitem pensar que o facto do indivíduo se sentir como um membro valorizado e respeitado, actua, de alguma forma, como factor de protecção face à ocorrência de actos de delinquência. As investigações de Kirchler, Pombeni & Palmonari (1991) apontam também neste sentido na medida em que quanto mais identificados ao grupo os sujeitos se sentem, mais provável é que falem acerca dos seus problemas e dificuldades, podendo este diálogo acontecer com o grupo de pares e com a família. Estes autores descrevem a relação com o grupo de pares como algo que influencia, favoravelmente, a forma como estes lidam com as suas tarefas de desenvolvimento,

tornando-se assim, mais capazes de encontrar um balanço entre a sua individualidade e a forma de estar ligado ao grupo.

## 6.2. *Análise Factorial*

Neste seguimento, efectuou-se uma análise factorial das escalas da auto-imagem, do self ideal e da reputação. Nas tabelas abaixo apresentadas incluem-se os diferentes factores e os respectivos itens bem como as cargas de saturação associadas a cada um destes itens. Utilizaram-se os critérios de classificação do KMO definidos por Maroco (2010). Os outputs desta análise encontram-se em anexo (Ver Anexo ).

Tornou-se importante realizar esta análise de forma a perceber quais os factores emergentes de cada escala e a informação que estes podem providenciar. Na análise factorial realizada nesta investigação e, depois de se ter forçado a extracção de 4 factores em cada escala, foi possível encontrar alguns pontos comuns com a escala de Carroll et al. (1999), tendo-se utilizado a análise factorial realizada por estes autores como forma de sustentar teoricamente a nomenclatura dos factores emergentes.

**Tabela 4: Análise factorial da escala da Auto-Imagem, itens constituintes e respectivas cargas de saturação.**

Factores	Itens	Cargas de Saturação
<p><b>Factor 1</b>  <b>“Auto-imagem não conformista e desviante”</b></p> <p>8 Itens; <math>\alpha=0.84</math>  M=1.4; DP=0.49  <i>Eigenvalue</i>= 6.95  Variância explicada=21.06%</p>	13.Alguém que tem boa relação com os pais	-0.505
	17.Alguém que fuma tabaco	0.603
	18.Alguém que consome drogas leves	0.806
	20.Alguém que rouba	0.788
	21.Alguém que conduz e rouba carros	0.83
	24.Alguém que arranja problemas com a policia	0.749
	25.Alguém que não ouve os pais	0.461
	26.Alguém que falta às aulas	0.684

<p><b>Factor 2</b>  <b>“Auto-imagem conformista”</b></p> <p>7 Itens; <math>\alpha=0.8</math>  M=3.69; DP=0.55  <i>Eigenvalue</i>=4.56  Variância explicada=13.83%</p>	3.Um bom aluno	0.617	
	4.Bem comportado	0.761	
	5.Bem-educado	0.576	
	12.Alguém que respeita as regras	0.722	
	14.Alguém que tem boa relação com os professores	0.558	
	15.Alguém que fala nas aulas sem autorização	-0.607	
	19.Alguém que refila com professores	-0.572	
<p><b>Factor 3</b>  <b>“Auto-imagem de atributos intrínsecos e positivos ”</b></p> <p>8 Itens; <math>\alpha=0.77</math>  M=4.16; DP=0.462  <i>Eigenvalue</i>=2.55  Variância explicada=7.72%</p>	1.Simpático	0.640	
	2.Boa pessoa	0.625	
	7.Divertido	0.731	
	8.Extrovertido	0.655	
	9.De confiança	0.585	
	10.Leal	0.745	
	11.Alguém que ajuda os amigos	0.464	
	23.Alguém que não se preocupa com os outros	-0.419	
	<p><b>Factor 4</b>  <b>“Auto-imagem de poder e popularidade”</b></p> <p>6 Itens; <math>\alpha=0.83</math>  M=2.94; DP=0.811  <i>Eigenvalue</i>=2.27  Variância explicada=6.87%</p>	22.Popular com as raparigas/rapazes	0.773
		27.Popular	0.804
28.Um líder		0.783	
29.Forte		0.774	
32.Bom a lutar		0.626	
33.Bom atleta/ desportista		0.550	
<b>KMO = 0.77</b> <b>Variância Explicada da Escala = 50%</b>			

Uma análise qualitativa dos factores que foram extraídos desta análise permite verificar, e tendo em conta os valores de variância explicada de cada um dos factores, que existe algum desequilíbrio entre os factores apresentados. Mais concretamente, parece a auto-imagem é, na sua essência, construída em torno de dois eixos com maior significado, nomeadamente, um eixo de

natureza não conformista e outro de natureza conformista. No primeiro, privilegiam-se os comportamentos de transgressão e de desvio enquanto o segundo remete, sobretudo, para aspectos relacionados com o (bom) comportamento na escola. Assim, a auto-imagem dos sujeitos parece relacionada com aspectos de natureza relacional em detrimento de aspectos pessoais, como postulam os factores relacionados com os atributos intrínsecos e com aqueles que remetem para o poder e popularidade.

**Tabela 5: Análise factorial da escala do Self Ideal, itens constituintes e respectivas cargas de saturação.**

<b>Factores</b>	<b>Item</b>	<b>Cargas de saturação</b>
<p><b>Factor 1</b>  <b>“Atributos intrínsecos e relacionais do Self Ideal”</b></p> <p>14 Itens; <math>\alpha = 0.95</math>  M=4.37; DP =0.66  <i>Eigenvalue</i>=11.78  Variância explicada=35.7%</p>	1.Simpático	0.745
	2.Boa pessoa	0.879
	3.Um bom aluno	0.822
	4.Bem comportado	0.707
	5.Bem-educado	0.765
	6.Inteligente	0.778
	7.Divertido	0.779
	8.Extrovertido	0.577
	9.De confiança	0.870
	10.Leal	0.903
	11.Alguém que ajuda os amigos	0.836
	12.Alguém que respeita as regras	0.776
	13.Alguém que tem boa relação com os pais	0.762
	14.Alguém que tem boa relação com os professores	0.670
<p><b>Factor 2</b>  <b>“Poder e popularidade do Self Ideal”</b></p> <p>7 Itens; <math>\alpha = 0.89</math>  M=3.5; DP=1.02  <i>Eigenvalue</i>=4.58  Variância explicada=13.87</p>	22.Popular com as raparigas/rapazes	0.803
	27.Popular	0.854
	28.Um líder	0.873
	29.Forte	0.840
	31.Alguém com bom aspecto físico	0.622
	32.Bom a lutar	0.584
33.Bom atleta/ desportista	0.553	

<p style="text-align: center;"><b>Factor 3</b></p> <p style="text-align: center;"><b>“Comportamentos não-conformistas e desviantes do Self Ideal”</b></p> <p>5 Itens; <math>\alpha = 0.84</math>  M=1.35; DP=0.572  <i>Eigenvalue</i>=3.05  Variância explicada=9.23</p>	<p>15.Alguém que fala nas aulas sem autorização</p> <p>16.Alguém que costuma andar à pancada</p> <p>17.Alguém que fuma tabaco</p> <p>18.Alguém que consome drogas leves</p> <p>20.Alguém que rouba</p>	<p style="text-align: right;">0.518</p> <p style="text-align: right;">0.840</p> <p style="text-align: right;">0.909</p> <p style="text-align: right;">0.946</p> <p style="text-align: right;">0.623</p>
<p style="text-align: center;"><b>Factor 4</b></p> <p style="text-align: center;"><b>“Atributos de desafio à autoridade do Self Ideal”</b></p> <p>6 Itens; <math>\alpha = 0.76</math>  M=1.44; DP =0.54  <i>Eigenvalue</i>=1.44  Variância explicada=4.37%</p>	<p>19.Alguém que refila com professores</p> <p>23.Alguém que não se preocupa com os outros</p> <p>24.Alguém que arranja problemas com a policia</p> <p>25.Alguém que não ouve os pais</p> <p>26.Alguém que falta às aulas</p> <p>30.Estúpido</p>	<p style="text-align: right;">0.526</p> <p style="text-align: right;">0.508</p> <p style="text-align: right;">0.571</p> <p style="text-align: right;">0.786</p> <p style="text-align: right;">0.679</p> <p style="text-align: right;">0.532</p>
<p><b>KMO = 0.84</b></p> <p><b>Variância Explicada da Escala = 63%</b></p>		

À semelhança da análise factorial realizada na escala da auto-imagem, também nesta análise se verificou um desequilíbrio entre os factores apresentados, pelo que o self ideal se encontra construído, especialmente, em torno de um só eixo com maior significado, remetendo este para atributos de natureza intrapessoal e de natureza interpessoal. Assim, enquanto a auto-imagem dos sujeitos se apresenta, claramente, estruturada em função de aspectos relacionais, mais ou menos conformistas, o self ideal surge como uma instância de complementaridade entre dois tipos de atributos. Assim, quando se trata da forma como os sujeitos gostariam de ser, estes parecem mostrar-se preocupados não só com os aspectos relacionais positivos, mas também com aspectos positivos que lhe são intrínsecos.

Tabela 6: Análise factorial da escala da Reputação, itens constituintes e respectivas cargas de saturação.

Factores	Itens	Cargas de saturação
<p><b>Factor 1</b>  <b>“Atributos intrínsecos e relacionais reputacionais”</b></p> <p>10 Itens; <math>\alpha = 0,9</math>  M=4.04; DP =0.675  <i>Eigenvalue</i> =8.81  Variância explicada =26.7%</p>	<p>1.Simpático  2.Boa pessoa  5.Bem-educado  6.Inteligente  7.Divertido  8.Extrovertido  9.De confiança  10.Leal  11.Alguém que ajuda os amigos  23.Alguém que não se preocupa com os outros</p>	<p>0.747  0.824  0.632  0.556  0.851  0.628  0.812  0.777  0.799  -0.437</p>
<p><b>Factor 2</b>  <b>“Reputação não conformista e desviante”</b></p> <p>7 Itens; <math>\alpha = 0.81</math>  M=1.37; DP =0.51  <i>Eigenvalue</i>=5.17  Variância explicada=15.67%</p>	<p>17.Alguém que fuma tabaco  18.Alguém que consome drogas leves  20.Alguém que rouba  21.Alguém que conduz e rouba carros  24.Alguém que arranja problemas com a policia  25.Alguém que não ouve os pais  26.Alguém que falta às aulas</p>	<p>0.702  0.909  0.908  0.499  0.847  0.428  0.748</p>
<p><b>Factor 3</b>  <b>“Reputação conformista e de não desafio à autoridade”</b></p> <p>8 Itens; <math>\alpha = 0,81</math>  M=3.78; DP =0.638  <i>Eigenvalue</i>=2.62  Variância explicada=7.95%</p>	<p>3.Um bom aluno  4.Bem comportado  12.Alguém que respeita as regras  13.Alguém que tem boa relação com os pais  14.Alguém que tem boa relação com os professores  15.Alguém que fala nas aulas sem autorização  19.Alguém que refila com professores  30.Estúpido</p>	<p>0.687  0.771  0.693  0.455  0.630  -0.613  -0.638  -0.431</p>

<p><b>Factor 4</b></p> <p><b>“Poder e popularidade reputacionais”</b></p> <p>7 Itens; <math>\alpha = 0,85</math></p> <p>M=2.98; DP=0.83</p> <p><i>Eigenvalue</i>=2.53</p> <p>Variância explicada=7.67%</p>	22.Popular com as raparigas/rapazes	0.741
	27.Popular	0.822
	28.Um líder	0.824
	29.Forte	0.815
	31.Alguém com bom aspecto físico	0.602
	32.Bom a lutar	0.676
	33.Bom atleta/desportista	0.38
<p><b>KMO =0.83</b></p> <p><b>Variância Explicada da Escala = 58%</b></p>		

Nesta última análise factorial, à semelhança das análises anteriores, verificou-se um desequilíbrio entre os factores extraídos, permitindo assim demonstrar que a reputação parece construída, em torno de dois eixos principais. Num primeiro eixo, encontram-se aspectos de natureza relacional, mais concretamente e, à semelhança o que se verificou na auto-imagem, comportamentos de transgressão de normas e de regras. Num segundo eixo e, à semelhança do que se verificou a nível do self ideal, foram encontrados aspectos relacionados com atributos intrínsecos ao sujeito, em particular, atributos positivos. Parece assim que a reputação e, tal como refere Gouveia-Pereira (2004), “assenta no interface da relação entre a identidade pessoal e a identidade social”. Por outras palavras parece que, de alguma forma, a construção da reputação deriva do sujeito não só pensar ser visto como alguém detentor de uma conduta desviante mas, por outro lado, também como alguém que detém qualidades positivas.

Neste sentido e, no seguimento desta análise factorial, antes de realizar as análises de correlações de forma confirmar as hipóteses colocadas, torna-se pertinente perceber a forma como as dimensões de cada escala se correlacionam entre si. Para este efeito, realizaram-se correlações de Pearson entre as escalas da auto-imagem, do self ideal e da reputação. As tabelas abaixo apresentadas revelam os resultados destas correlações, salientando-se os valores de correlação mais elevados.

6.3. *Análise de Correlação entre as escalas Auto-imagem, Self ideal e Reputação.*

Tabela 7: Correlações de Pearson entre Dimensões da Auto-imagem e do Self ideal

	Atributos intrínsecos e relacionais do self ideal	Poder e popularidade do self ideal	Comportamento não conformista e desviante do self ideal	Atributos de desafio à autoridade do self ideal
Auto-imagem não conformista	-,246**	,037	,522**	,556**
Auto-imagem Conformista	,357**	,084	-,195*	-,319**
Auto-imagem de atributos intrínsecos positivos	,463**	,097	-,140	-,265**
Auto-imagem de poder e popularidade	-,062	,511**	,176*	,170

Nota: \*\* correlação significativa para  $p < 0.01$ ; \* correlação significativa para  $p < 0.05$

Observando estes resultados, salienta-se uma correlação moderada significativa positiva entre auto-imagem não conformista e o comportamento não conformista e desviante do self ideal, bem como uma correlação moderada significativa e positiva entre a auto-imagem não conformista e os atributos de desafio à autoridade do self ideal. Verificou-se ainda uma correlação moderada significativa positiva entre a auto-imagem de poder e popularidade e o poder e popularidade do self ideal.

Estas correlações parecem apontar no sentido de existir uma consonância entre a imagem que o sujeito tem de si-próprio e a imagem que gostaria de ter.

Tabela 8: Correlações de Pearson entre Dimensões da Auto-imagem e da Reputação

	Auto-imagem não conformista	Auto-imagem conformista	Auto-imagem de atributos intrínsecos positivos	Auto-imagem de poder e popularidade
Atributos intrínsecos e relacionais reputacionais	-,148	,426**	,543**	,191*
Reputação não conformista e desviante	<b>,767**</b>	-,396**	-,358**	,131
Reputação conformista	-,305**	,736**	,270**	,052
Poder e popularidade reputacionais	,151	,018	,113	<b>,827**</b>

Nota: \*\* correlação significativa para  $p < 0.01$ ; \* correlação significativa para  $p < 0.05$

Estes resultados permitem verificar que existe uma correlação moderada significativa e positiva entre a auto-imagem não conformista e a reputação não conformista, o que parece indicar que o facto destes jovens se verem como não conformistas, está positivamente correlacionado com o facto de pensarem que são vistos como tal. Também a auto-imagem de poder e popularidade se encontra correlacionada de forma moderada significativa e positiva com a reputação de poder e popularidade. À semelhança do resultado anterior, o facto destes jovens se acharem com mais poder e popularidade parece estar relacionado com a possibilidade de terem uma reputação no mesmo sentido.

Assim, estes resultados, de certo modo, parecem sugerir que existe um interesse em transmitir, tanto uma imagem de não conformismo como uma imagem de maior poder e popularidade querendo estes jovens, ser percebidos desta forma perante o grupo.

Tabela 9: Correlações de Pearson entre Dimensões do Self ideal e da Reputação

	Atributos intrínsecos e relacionais reputacionais	Reputação não conformista e desviante	Reputação conformista	Poder e Popularidade reputacionais
Atributos intrínsecos e relacionais do self ideal	<b>,523**</b>	-,399**	,243**	-,017
Poder e popularidade do self ideal	,209*	,020	,078	<b>,596**</b>
Comportamentos não conformistas e desviantes do self ideal	-,062	<b>,517**</b>	-,187*	,153
Atributos de desafio à autoridade do self ideal	-,162	<b>,605**</b>	-,323**	,129

Nota: \*\* correlação significativa para  $p < 0.01$ ; \* correlação significativa para  $p < 0.05$

Com base nestes dados verificou-se a existência de uma correlação moderada significativa e positiva entre os atributos de desafio à autoridade do self ideal e os comportamentos não conformistas e desviantes do self ideal e a reputação não conformista. Verifica-se que esta última correlação, embora também com um valor moderado, apresenta um valor mais baixo quando comparado com a correlação encontrada entre a auto-imagem não conformista e a reputação não conformista ( $r = ,767$ ;  $p < 0.001$ ). Verifica-se também uma correlação moderada significativa positiva entre o poder e a popularidade do self-ideal e o poder e popularidade reputacionais. À semelhança do resultado acima enunciado, a correlação entre a auto-imagem de poder e a popularidade revelou um valor de correlação mais elevado ( $r = ,827$ ;  $p < 0.001$ ).

Estes resultados permitem pensar que a reputação não conformista, tal como o poder e popularidade reputacional se encontram mais correlacionados com a imagem que o sujeito tem de si próprio do que com a imagem que o sujeito desejaria ter.

#### 6.4. Análises de Correlação

De forma a confirmar ou infirmar a primeira hipótese, realizaram-se análises de correlação de Pearson entre as dimensões da reputação e a delinquência.

**Tabela 10: Correlações de Pearson entre Dimensões da Reputação e a Delinquência**

	1	2	3	4	5
<b>1.Atributos intrínsecos e relacionais reputacionais</b>	-				
<b>2.Reputação não conformista e desviante</b>	-. 210*	-			
<b>3.Reputação conformista</b>	. 514**	-. 394**	-		
<b>4.Poder e popularidade reputacionais</b>	. 276**	. 189*	. 118	-	
<b>5.Delinquência</b>	-. 118	<b>. 371**</b>	<b>-. 271**</b>	. 110	-

Nota: \*\* correlação significativa para  $p < 0.01$ ; \* correlação significativa para  $p < 0.05$

Estes resultados evidenciam uma correlação significativa positiva entre a reputação não conformista desviante e a delinquência e ainda uma correlação significativa negativa entre a reputação conformista e a delinquência. Desta forma, é possível confirmar a primeira hipótese do estudo. Assim e, com base nestes dados, percebe-se que o facto do adolescente achar que é visto pelos outros, como alguém que tem uma reputação de natureza não conformista está relacionado com a ocorrência de actos de delinquência.

Os resultados obtidos nesta investigação são similares aos encontrados nos trabalhos de Carroll et al., (1999), Carroll (2002), Carroll et al., (2008), através dos quais se verificou que o envolvimento na delinquência, especialmente quando realizado perante uma audiência de pares, surge associado a uma procura de reputação não conformista.

**Tabela 11: Correlações de Pearson entre Dimensões da Auto-imagem e a Delinquência**

	1	2	3	4	5
1. Auto-imagem não conformista e desviante	-				
2. Auto-imagem conformista	-.423**	-			
3. Auto-imagem de atributos intrínsecos positivos	-.272**	.306**	-		
4. Auto-imagem de poder e popularidade	.191*	-.012	.132	-	
5. Delinquência	.376**	-.251**	-.097	.119	-

Nota: \*\* correlação significativa para  $p < 0.01$ ; \* correlação significativa para  $p < 0.05$

É possível verificar uma correlação significativa e positiva entre a auto-imagem de comportamentos não conformistas e desviantes e a delinquência e uma correlação significativa e negativa entre a auto-imagem de comportamentos conformistas e a delinquência.

Estes resultados permitem confirmar a segunda hipótese, demonstrando que o facto do sujeito se identificar a ele próprio enquanto praticante de comportamentos não conformistas e desviantes, se encontra correlacionado com a existência de uma conduta de delinquência.

Anteriormente verificou-se a existência de uma correlação moderada, significativa e positiva entre a auto-imagem não conformista e desviante e a reputação não conformista e desviante. Estes resultados, à luz desta correlação entre a auto-imagem não conformista e desviante e a delinquência, fazem supor que esta dimensão da auto-imagem faz parte de uma tentativa de cumprir os objectivos reputacionais, apresentando-se o sujeito como alguém detentor de uma conduta delinvente. Neste sentido, e como anteriormente referido, a forma como o sujeito se vê parece reflectir os aspectos cognitivos mobilizados aquando da gestão da reputação (Gouveia-Pereira, 2004) sendo que neste caso, o sujeito não só se percebe como alguém que comete actos de desvio como parece disposto a ser visto como tal.

## 6.5. Análise de Regressão

De forma a melhor compreender estas duas últimas correlações encontradas e quais as variáveis com maior poder preditivo sobre a ocorrência dos comportamentos delinquentes, procedeu-se a uma análise de regressão, através do método *stepwise*. Tal como recomendam Baron e Kenny (1986), foram apenas utilizadas variáveis independentes com efeitos significativos na variável dependente. Assim, as variáveis utilizadas foram as dimensões da auto-imagem, “auto-imagem não conformista e desviante” e “auto-imagem conformista” e as dimensões da reputação, “reputação não conformista e desviante” e “reputação conformista”. Os resultados da análise de regressão encontram-se nas tabelas abaixo indicadas.

**Tabela 12 – Valores da análise de regressão entre a reputação e a delinquência**

<b>Dimensões da Reputação</b>	<b>Delinquência</b>
Reputação não conformista e desviante	$\beta = .37^{**}$
Reputação conformista	n.s.
$R^2 = 13.1\%$	

n.s.= estatisticamente não significativo; \*\*  $p < 0.001$

Estes resultados evidenciam que de entre as dimensões da variável reputação é a variável reputação não conformista e desviante, aquela que tem maior valor preditivo sobre a variável dependente delinquência. Assim, através destes resultados, torna-se possível confirmar a segunda hipótese colocada.

**Tabela 13 – Valores da análise de regressão entre a auto-imagem e a delinquência**

<b>Dimensões da Auto-Imagem</b>	<b>Delinquência</b>
Auto-imagem não conformista e desviante	$\beta = .38^{**}$
Auto-imagem conformista	n.s.
$R^2 = 14\%$	

n.s.= estatisticamente não significativo; \*\*  $p < 0.001$

Estes resultados ilustram que é a variável auto-imagem não-conformista e desviante a que tem maior valor preditivo sobre a variável dependente delinquência, o que confirma a segunda hipótese colocada.

## 7. Conclusão

Esta investigação permitiu identificar a reputação não conformista e desviante e a auto-imagem não conformista e desviante como variáveis importantes e, possivelmente, associadas a factores de risco aquando da ocorrência de comportamentos de delinquência na adolescência.

Neste estudo e, à semelhança do estudo realizado por Gouveia-Pereira (2004), a reputação mostrou ser um fenómeno multidimensional na medida em que se organizou também, em torno de dois eixos principais, nomeadamente um eixo direccionado para os comportamentos de transgressão de regras (aspectos de natureza não conformistas) e um eixo referente a atributos positivos, quer intrínsecos quer relacionais (aspectos de natureza conformista). Assim, observou-se que os adolescentes se interessam por diferentes tipos de reputação, tal como postulam Emler e Reicher (1995), tendo-se verificado nesta investigação que, tanto a reputação conformista como a não conformista, se correlacionam com a delinquência, embora a primeira se tenha correlacionado de forma negativa e, a segunda, de forma positiva. No entanto, com base na análise de regressão na qual se introduziram estas duas dimensões reputacionais, verificou-se que apenas a reputação não conformista e desviante apresenta um valor preditivo sobre a delinquência. Desta forma, estes resultados permitem confirmar a primeira hipótese de investigação que equacionava a existência de uma correlação positiva entre a reputação não conformista e desviante e a existência de uma conduta delinvente.

De forma a responder à segunda hipótese do estudo, realizou-se uma análise de correlações na qual se verificou a existência de uma correlação significativa positiva entre a auto-imagem não conformista e desviante e a delinquência e uma correlação significativa negativa entre a auto-imagem conformista e a delinquência. Assim, também no estudo de autoria de Caroll et al., (2008), uma das dimensões estudadas relacionada com a forma como o sujeito se percebe diz respeito à existência de um maior envolvimento em actos de delinquência, por parte do adolescente.

À luz do Modelo de Aumento de Objectivos de Reputação, é possível analisar estes resultados na medida em que considera estes jovens como sendo responsáveis pela escolha da imagem que promovem junto dos pares e pela imagem que detêm de si próprios, pelo que a sua conduta delinvente se torna um objectivo social

Torna-se ainda pertinente referir a correlação encontrada entre o sentimento de pertença ao grupo e a delinquência na medida em que estes resultados parecem mostrar que a (boa) qualidade das relações vividas no seio do grupo de pares promove, de alguma forma, a não

ocorrência de comportamentos delinquentes. Estes dados apontam no mesmo sentido que Palmonari et al., (1991), que refere que uma forte identificação ao grupo de pares tem influência na capacidade de resolução de conflitos.

Uma limitação deste estudo diz respeito à amostra, mais concretamente, ao facto desta ser constituída por jovens que, de forma geral, apresentavam baixos níveis de delinquência. Assim, em investigações futuras sugere-se uma tentativa de recolha de amostra junto de entidades especializadas que contactam com adolescentes delinquentes e, já sinalizados como tal, para que a amostra seja representativa da população de adolescentes delinquentes. Torna-se igualmente pertinente realizar estudos comparativos quer ao nível da idade e do género dos seus participantes, numa tentativa de caracterizar os objectivos reputacionais.

## 8. Referências Bibliográficas

- Baron, M., & Kenny, A. (1986). The moderator-mediator distinction in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, V. & Pastorelli, C. (1996). Multifaceted impact of self-efficacy beliefs on academic functioning. *Child Development*, 67, 1206-1222.
- Bordin, I., & Offord, D. (2000). Transtorno de conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2.
- Carroll, A. (2002). At-risk and not at-risk adolescent girls in single-sex and mixed-sex school settings: an examination of their goals and reputations. *Westminster Studies in Education*, 25, 147-162.
- Carroll, A., Houghton, S., Hattie, J. & Durkin, K. (2004). Comportamento anti-social nos jovens: o modelo dos objectivos de aumento da reputação. In *Comportamento anti-social e crime da infância à idade adulta*. A. Castro Fonseca. Almedina.
- Carroll, A., Hattie, J., Houghton, S. & Durkin, K. (1999). Adolescent reputation enhancement: differentiating delinquent, nondelinquent, and at-risk youths. *Journal Child Psychiatry*, 40, 4, 593-606.
- Carroll, A., Houghton, S., Khan, U. & Tan, C. (2008). Delinquency and reputational orientations of adolescent at-risk and not-at-risk males and females. *Educational Psychology*, 7, 777-793.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência: O triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coleman, J. C. (1980) Friendship and the peer group in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*. New York: Wiley.

- Durkin, K. (1995). *Developmental social psychology: From infancy to old age*. Cambridge: Blackwell.
- Emler, N. (1990). A social psychology of reputation. In *European Review of Social Psychology, Volume 1*, edit Wolfgang Stroebe & Miles Hewstone.
- Emler, N., & Reicher, S. (1995). *Adolescence and delinquency*. Oxford: Blackwell.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Farrington, D. (2008). O desenvolvimento do comportamento criminoso e anti-social da infância à idade adulta. In A. C. Fonseca (Ed.), *A maldade humana: fatalidade ou educação?* (pp.221-245). Coimbra: Almedina
- Faustini, D., Novo, N., Cury, M. & Juliano, Y. (2003). Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. *Ciências & Saúde Colectiva*, 8 (3): 783-790.
- Formiga, N., & Gouveia, V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Psicologia: teoria e prática*, 2, 134-170.
- Gouveia-Pereira, M. (1995). *A percepção do papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento em adolescentes e pais*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- Gouveia-Pereira, M. (1996). *Os adolescentes e os pais: diferentes percepções acerca do grupo de pares* In IX Colóquio de Psicologia de Educação – Dinâmicas Relacionais e Eficiência Educativa. Ed. Margarida Alves Martins. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Alves-Martins, M. & Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 2, 191-201.

- Gouveia-Pereira, M. (2004). *Percepções de justiça na adolescência: a escola e a legitimização das autoridades institucionais*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Social apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho da Empresa, especialidade em Psicologia Social sob orientação do Professor Doutor Jorge Vala.
- Hirschi, P. (2002). *Causes of delinquency*. New Jersey: Transaction Publishers
- Houghton, S. & Carroll, A. (1996). Enhancing reputations: The effective use of behaviour management strategies by high school students. *The Australian and New Zealand Journal of Criminology*, 35, 99-113.
- Houghton, S. & Carroll, A. (2002). Longitudinal rates of self-reported delinquency of at risk and non at-risk western Australian high school students. *The Australian and New Zealand Journal of Criminology*, 1, 99-113.
- Kirchler, E., Pombeni, M. & Palmonari, A. (1991). Sweet sixteen... adolescents' problems and the peer group as source of support. *European Journal of Psychology of Education*, VI, 4, 393-409.
- Lemos, I. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinvente. *Análise Psicológica*, 1, 117-132.
- Medeiros, M. (2000). *Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento*. Compil. Maria Teresa Medeiros. Lisboa: Direcção Regional de Educação.
- Moffit, T. (1993). Adolescent-limited and life-course persistent antisocial behaviour: A development taxonomy. *Psychology Review*, 100, 674-701.
- Maroco, J. (2010). *Análise Estatística com a utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo
- Palmonari, A., Carugati, F., Bitti, P., & Sarchielli, G. (1984). *Imperfect identities: a socio-psychological perspective for the study of the problems of adolescence*. In *The Social Dimension*. Volume 1. Edit. Henri Tajfel. Cambridge University Press.

- Palmonari, A., Pombeni, M., & Kirchler, E. (1989). Peergroups and evolution of the self system in adolescence. *European Journal of Psychology of Education, IV, 1*, 3-15.
- Palmonari, A., Pombeni, M., & Kirchler, E. (1992). Evolution of the self concept in adolescence and social categorization processes. *European Review of Social Psychology, 3*.
- Piehler, F. & Dishion, T. (2007). Interpersonal dynamics within adolescent friendships: dyadic mutuality, deviant talk, and patterns of antisocial behavior. *Child Development, 78*, 1611-1624.
- Relvas, Ana Paula (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sanches, C. & Gouveia-Pereira, M.(2010). Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência. *Análise Psicológica, 1*, 71-84.
- Simões, M. (2007). *Comportamento de risco na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Vier, B., Rego Filho, E., Campos, E. & Olivi, M. (2007). Uso de álcool e tabaco em adolescentes. *Arq. Mudi., 11*, 5-8.
- Wentzel, K. (2009). *Peers and academic functioning at school*. In Handbook of Peer Interactions, Relationships and Groups. Edited by Kenneth Rubie, William Bukowski and Brett Larsen. New York: The Guilford Press.

## ANEXO A

### Termo de Consentimento Informado

O meu nome é Inês Maymone Pombeiro e sou estudante do Curso de Psicologia Aplicada – Área de Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA – IU), em Lisboa.

Estou a realizar um estudo acerca das Relações Sociais em Adolescentes, sob a supervisão da Professora Doutora Maria Gouveia Pereira.

Venho por este meio pedir a sua colaboração para que autorize o seu educando a responder a um questionário.

A participação do seu educando, embora de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho, é voluntária, não havendo qualquer tipo de penalização se houver recusa, tendo ainda total liberdade de desistir a qualquer momento.

Neste estudo, o que importa são os dados obtidos no seu conjunto e não individualmente, pelo que a sua identidade será salvaguardada, ou seja, quaisquer dados identificatórios serão confidenciais e anónimos.

**Obrigada pela sua colaboração.**

Eu, \_\_\_\_\_,

Permito que o meu educando participe na investigação

Não permito que o meu educando participe na investigação

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do encarregado de educação)

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2010

## ANEXO B

### ESCALA AUTO-IMAGEM

Todos nós temos uma ideia acerca do que somos.

Peço-te para pensares sobre como és e nos dares a tua opinião.

Eu sou...	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1.Simpático					
2.Boa pessoa					
3.Um bom aluno					
4.Bem comportado					
5.Bem-educado					
6.Inteligente					
7.Divertido					
8.Extrovertido					
9.De confiança					
10.Leal					
11.Alguém que ajuda os amigos					
12.Alguém que respeita as regras					
13.Alguém que tem boa relação com os pais					
14.Alguém que tem boa relação com os professores					
15.Alguém que fala nas aulas sem autorização					
16.Alguém que costuma andar à pancada					
17.Alguém que fuma tabaco					
18.Alguém que consome drogas leves					
19.Alguém que refila com professores					
20.Alguém que rouba					
21.Alguém que conduz e rouba carros					

22.Popular com as raparigas/rapazes					
23.Alguém que não se preocupa com os outros					
24.Alguém que arranja problemas com a policia					
25.Alguém que não ouve os pais					
26.Alguém que falta às aulas					
27.Popular					
28.Um líder					
29.Forte					
30.Estúpido					
31.Alguém com bom aspecto físico					
32.Bom a lutar					
33.Bom atleta/ desportista					

## ANEXO C

### ESCALA SELF IDEAL

Acabaste de responder sobre o que achas que és.

Gostaria agora que desses a tua opinião acerca de como gostarias de ser.

Gostaria de ser...	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1.Simpático					
2.Boa pessoa					
3.Um bom aluno					
4.Bem comportado					
5.Bem-educado					
6.Inteligente					
7.Divertido					
8.Extrovertido					
9.De confiança					
10.Leal					
11.Alguém que ajuda os amigos					
12.Alguém que respeita as regras					
13.Alguém que tem boa relação com os pais					
14.Alguém que tem boa relação com os professores					
15.Alguém que fala nas aulas sem autorização					
16.Alguém que costuma andar à pancada					
17.Alguém que fuma tabaco					
18.Alguém que consome drogas leves					
19.Alguém que refila com professores					

20. Alguém que rouba					
21. Alguém que conduz					
22. Popular com as raparigas/rapazes					
23. Alguém que não se preocupa com os outros					
24. Alguém que arranja problemas com a policia					
25. Alguém que não ouve os pais					
26. Alguém que falta às aulas					
27. Popular					
28. Um líder					
29. Forte					
30. Estúpido					
31. Alguém com bom aspecto físico					
32. Bom a lutar					
33. Bom atleta/ desportista					

## ANEXO D

**Todos os jovens pertencem a diferentes grupos.**

**Peço-te agora para pensares no teu grupo de amigos e escolheres o(s) grupo(s) a que pertences.**

\_\_\_ Amigos da escola

\_\_\_ Escuteiros

\_\_\_ Colegas de turma

\_\_\_ Desporto

\_\_\_ Associação de estudantes

\_\_\_ Religioso

\_\_\_ Amigos do bairro

\_\_\_ Político

\_\_\_ Betinhos

\_\_\_ Musical

\_\_\_ Blacks

\_\_\_ Ganzas

\_\_\_ Hippies

Outros: \_\_\_\_\_

**Dos grupos que escolheste, com qual aquele andas mais? \_\_\_\_\_**

## ANEXO F

### ESCALA DE IDENTIFICAÇÃO AO GRUPO

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
O meu grupo de amigos é muito importante para mim					
Tenho orgulho em pertencer ao meu grupo de amigos					
Às vezes, sinto-me incomodado quando penso que faço parte do meu grupo de amigos.					
Sinto-me mais feliz por fazer parte do meu grupo de amigos.					
Não gostaria de pertencer ao meu grupo					
Identifico-me com o meu grupo					

**Pensa nos amigos que fazem parte do teu grupo e responde a estas perguntas.**

Os meus amigos.....	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
.... respeitam-me como pessoa					
... dam valor ao que eu digo e faço					
... gostam de mim					
... vê-me como uma pessoa de valor					
... respeitam as minha opiniões					
.... têm boa impressão de mim					

## ANEXO G

### ESCALA REPUTAÇÃO

Peço-te agora para dares a opinião acerca da imagem que tens junto dos teus amigos.

Os meus amigos acham que sou....	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1.Simpático					
2.Boa pessoa					
3.Um bom aluno					
4.Bem comportado					
5.Bem-educado					
6.Inteligente					
7.Divertido					
8.Extrovertido					
9.De confiança					
10.Leal					
11.Alguém que ajuda os amigos					
12.Alguém que respeita as regras					
13.Alguém que tem boa relação com os pais					
14.Alguém que tem boa relação com os professores					
15.Alguém que fala nas aulas sem autorização					
16.Alguém que costuma andar à pancada					
17.Alguém que fuma tabaco					
18.Alguém que consome drogas leves					
19..Alguém que refila com professores					

20.Alguém que rouba					
21.Alguém que conduz					
22.Popular com as raparigas/rapazes					
23.Alguém que não se preocupa com os outros					
24.Alguém que arranja problemas com a policia					
25.Alguém que não ouve os pais					
26.Alguém que falta às aulas					
27.Popular					
28.Um líder					
29.Forte					
30.Estúpido					
31.Alguém que tem bom aspecto físico					
32.Bom a lutar					
33.Bom atleta/ desportista					

## ANEXO H

### ESCALA DELINQUÊNCIA E DESVIO

Agora gostaria que lesse alguns comportamentos que os jovens da tua idade costumam ter.

Pensa nos teus comportamentos nos últimos dois anos e para cada frase marca uma cruz no quadrado que corresponde à alternativa que consideras mais verdadeira.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Mentir, desobedecer ou responder mal a adultos (ex: pais, professores, etc.)					
2. Andar à luta com colegas ou entre grupos					
3. Faltar às aulas para ficar com colegas ou amigos, ou para ir dar uma volta					
4. Roubar alguma coisa que valha menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)					
5. Fazer graffitis em edifícios ou outros locais (ex: na escola, em paragens, nos transportes, em muros, em portas, etc.)					
6. Usar uma mota ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono/proprietário					
7. Ameaçar, bater e/ou ferir uma pessoa (ex: colega, professor, familiar, etc.)					
8. Assaltar um carro, casa, loja, escola ou outro edifício					
9. Roubar alguma coisa que valha entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)					
10. Beber bebidas alcoólicas com amigos					
11. Consumir haxixe ou marijuana					
12. Transportar uma arma (ex: canivete, navalha, pistola)					
13. Usar algum tipo de arma (ex: canivete, navalha, pistola) em lutas ou assaltos					
14. Sair de casa e passar a noite fora sem os pais saberem onde					
15. Gozar com um professor à frente dele e de outros alunos					
16. Vender droga (ex: haxixe, marijuana, heroína, cocaína, etc.)					

17. Estragar ou destruir coisas que não te pertençam (ex: cadeiras, mesas, cabines telefónicas, parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, furar pneus, partir vidros, etc.)					
18. Andar em transportes públicos sem pagar bilhete					
19. Conduzir uma mota ou um carro sem ter carta de condução, ou andar (de mota ou de carro) com um amigo que não tenha carta de condução					
20. Mentir acerca da idade para poder entrar em determinados sítios (ex: num bar, numa discoteca, no cinema, num salão de jogos, etc.), ou para obter benefícios monetários					



## ANEXO J

### Output da análise factorial à Escala da Auto-imagem

Rotated Component Matrix <sup>a</sup>				
	Component			
	1	2	3	4
QR1.1	,072	,330	,640	,165
QR1.2	,082	,379	,625	,037
QR1.3	,066	,617	,232	-,001
QR1.4	,020	,761	,093	,047
QR1.5	-,215	,576	,365	,037
QR1.6	-,240	,369	,323	,149
QR1.7	-,178	,012	,731	,139
QR1.8	,160	-,186	,655	-,114
QR1.9	-,300	,194	,585	,053
QR1.10	-,144	,199	,745	,008
QR1.11	-,044	,000	,464	,173
QR1.12	-,133	,722	,281	-,042
QR1.13	-,505	,457	,151	,125
QR1.14	-,250	,558	,186	,012
QR1.15	-,082	-,607	,240	-,064
QR1.16	,268	-,386	-,109	,271
QR1.17	,603	-,299	,121	,116
QR1.18	,806	-,040	,007	,046
QR1.19	,179	-,572	,091	,056
QR1.20	,788	,067	-,173	,186
QR1.21	,832	,078	-,141	,201
QR1.22	,167	-,030	,079	,773
QR1.23	,355	-,024	-,419	-,013
QR1.24	,749	-,102	-,128	,167
QR1.25	,461	-,448	-,087	-,056
QR1.26	,684	-,269	-,044	,029
QR1.27	,190	-,154	,057	,804
QR1.28	,247	,010	,030	,783
QR1.29	,102	,123	,096	,774
QR1.30	,267	-,307	,006	,147
QR1.31	,068	,234	,189	,388
QR1.32	,014	-,152	-,018	,626
QR1.33	-,145	,074	,089	,550

## Output da análise factorial à Escala do Self ideal

Rotated Component Matrix <sup>a</sup>				
	Component			
	1	2	3	4
QR2.1	,745	,238	-,079	-,126
QR2.2	,879	,196	-,084	-,065
QR2.3	,822	,158	-,046	-,155
QR2.4	,707	,168	-,067	-,252
QR2.5	,765	,229	-,090	-,276
QR2.6	,778	,142	-,071	-,232
QR2.7	,779	,183	-,026	-,059
QR2.8	,577	-,075	-,097	,228
QR2.9	,870	,107	-,185	-,079
QR2.10	,903	,144	-,102	-,045
QR2.11	,836	,130	-,074	-,180
QR2.12	,776	,127	,003	-,316
QR2.13	,762	,128	-,259	-,038
QR2.14	,670	,071	-,129	-,165
QR2.15	-,141	-,164	,518	,223
QR2.16	-,212	-,016	,840	,099
QR2.17	-,063	-,066	,909	,210
QR2.18	-,030	-,061	,946	,129
QR2.19	-,413	-,040	,239	,526
QR2.20	-,265	,139	,623	,441
QR2.21	-,014	,311	,287	,255
QR2.22	,287	,803	,002	,083
QR2.23	-,143	,104	-,001	,508
QR2.24	-,182	,121	,530	,571
QR2.25	-,064	-,034	,173	,786
QR2.26	-,136	-,051	,325	,679
QR2.27	,052	,854	-,045	,033
QR2.28	,113	,873	-,012	,029
QR2.29	,172	,840	-,058	,081
QR2.30	-,145	-,003	,285	,532
QR2.31	,411	,622	-,197	-,023
QR2.32	,099	,584	,086	-,043
QR2.33	,340	,553	-,161	-,145

## Output da análise factorial à Escala da Reputação

Rotated Component Matrix <sup>a</sup>				
	Component			
	1	2	3	4
QR3.1	,747	-,015	,240	,209
QR3.2	,824	-,066	,250	,181
QR3.3	,293	,052	,687	,085
QR3.4	,329	,087	,771	,117
QR3.5	,632	-,004	,520	,181
QR3.6	,556	,078	,382	,132
QR3.7	,851	-,085	,067	,040
QR3.8	,628	,133	-,035	-,121
QR3.9	,812	-,173	,037	,223
QR3.10	,777	-,124	,242	,195
QR3.11	,799	-,185	,137	,067
QR3.12	,313	,013	,693	,106
QR3.13	,385	-,301	,455	,145
QR3.14	,400	-,236	,630	,045
QR3.15	,335	,090	-,613	-,135
QR3.16	,070	,319	-,387	,204
QR3.17	,023	,702	-,244	,057
QR3.18	-,162	,909	,075	,042
QR3.19	-,046	,348	-,638	,086
QR3.20	-,133	,908	,056	,037
QR3.21	-,017	,499	-,027	,320
QR3.22	,144	,165	,049	,741
QR3.23	-,437	,235	-,178	,027
QR3.24	-,102	,847	-,098	,112
QR3.25	-,225	,428	-,492	,016
QR3.26	-,036	,748	-,203	,039
QR3.27	,132	,099	,033	,822
QR3.28	,076	,173	,062	,824
QR3.29	,163	,097	-,035	,815
QR3.30	-,185	,063	-,431	,186
QR3.31	,068	,024	,260	,602
QR3.32	-,104	,110	-,164	,576
QR3.33	,199	-,187	,013	,538